


## Um perfil da história disciplinar: carreira acadêmica e poder masculino no arquivo pessoal da historiadora Adeline Daumard

A profile of disciplinary history: academic career and male power in the personal archive of historian Adeline Daumard

**Daiane Machado** <sup>a</sup>

E-mail: [daiane\\_vm@yahoo.com.br](mailto:daiane_vm@yahoo.com.br)  
<https://orcid.org/0000-0001-6884-4486> 

<sup>a</sup> Universidade Estadual Paulista,  
Faculdade de Ciências Humanas e Sociais,  
Franca, SP, Brasil

## RESUMO

Este artigo analisa como o arquivo pessoal da historiadora francesa Adeline Daumard molda um perfil da disciplina História. Entrando nas tensões sexuadas constitutivas do campo disciplinar, percorremos com ela alguns elementos do trabalho cotidiano de uma historiadora e sublinhamos, a partir de suas experiências, a complexidade do fato de ser uma mulher no meio acadêmico francês. Recortando e agrupando culturas pessoais de arquivamento, também destacamos o encontro com o Brasil, onde Adeline é acolhida por uma rede intelectual feminina que dialoga com sua forma de fazer história e impulsiona sua carreira. Mobilizando o gênero enquanto lente de percepção, caminhamos pelo *Fonds Daumard*, depositado no *Archives Nationales* francês, sexualizando seu *corpus* a fim de observar como papéis sociais se exibem nesse espaço e significam relações de poder que deslegitimam carreiras acadêmicas femininas.

## PALAVRAS-CHAVE

Historiografia francesa. Historiografia brasileira. Gênero.

## ABSTRACT

This paper examines how the personal archive of the French historian Adeline Daumard shapes a profile of the discipline of History. When approaching some elements of Daumard's daily work as a historian in relation to the sexual tensions constituting the disciplinary field, her experiences highlight the complexity of being a woman in the French academic environment. In profiling and grouping personal archival cultures, we also verified an evident intimacy between Daumard and Brazil, where the author is welcomed by a female intellectual network that dialogues with her way of making history and boosts her career. Mobilizing gender as a lens of perception, we walk through *Fonds Daumard*, deposited in the *French Archives Nationales*, sexualizing its *corpus* to observe how social roles are displayed in this space and signify power relations that delegitimize female academic careers.

## KEYWORDS

French historiography. Brazilian historiography. Gender.

Este trabalho analisa como os arquivos pessoais da historiadora francesa Adeline Daumard (1924-2003) delineiam um perfil da disciplina História. Considerando possível refletir sobre “modos de ser historiadora” por meio de conjuntos documentais privados, focamos nos meandros da construção de sua carreira docente, sublinhando discursos e práticas sexistas que atravessam o campo historiográfico.

Como estudamos um fundo de arquivo, inicialmente indagamos a respeito da sua configuração e do modo como é apresentado ao público, e investigamos como ele pode ser apreendido para localizar Adeline<sup>1</sup> em um ambiente cultural de poder masculino. Interessados diretamente na sua constituição como historiadora, percorremos as séries que singularizam as etapas da sua carreira e expõem tensões de sua escalada profissional. Ao destacarmos alguns elementos do trabalho cotidiano de uma historiadora, também abordamos a complexidade do fato de ser uma mulher no campo historiográfico francês do período. Por fim, analisamos como seus gestos de arquivamento distinguem o Brasil, terra de investimentos historiográficos e trocas intelectuais fraternais estabelecidas entre historiadoras.

Mobilizando o gênero enquanto lente de percepção, entramos no Fonds Daumard, buscando sexualizar seu *corpus*, ou seja, procurando visualizar como papéis sociais pautados na distinção sexual entre homens e mulheres performatizam nesse espaço e significam relações de poder que deslegitimam carreiras acadêmicas femininas (SCOTT, 1995; 2012).

## Sobre o Fonds Daumard

Adeline Daumard tornou-se um nome *arquivável* por meio do gesto de *domiciliação* empreendido pelo Archives Nationales francês em 2005<sup>2</sup>. Esse espaço público gere, sob a identificação de Fonds Daumard, os papéis pessoais da família Daumard. Abrigando o fundo e, desse modo, desafiando a destruição e o esquecimento, o Archives Nationales tem uma dupla tarefa (também duplo poder): instituir e conservar essa memória familiar. A memória que se guarda e se zela em uma instituição pública distingue-se das demais. Quando um conjunto documental deixa uma residência privada para habitar um contexto institucional, a transferência o ressemantiza, depositando nele

<sup>1</sup> Passaremos a identificar Adeline Daumard pelo primeiro nome para não correremos o risco de confundir os leitores ao identificarmos os outros membros da família e o próprio fundo de arquivo.

<sup>2</sup> Recorrendo ao gesto instaurador dos arquivos dos arcontes gregos, Jacques Derrida nos mostra que a domiciliação, a proteção do arquivo, é também um ato de poder sobre a memória a ser preservada (2001, p. 13).

“crostas de significados que se cristalizam em estratos privilegiados, em detrimento dos demais” (MENESES, 1998, p. 98). Assim, o lugar que assegura a existência, que dá domicílio, também confere uma legenda. A do Fonds Daumard é inscrita na apresentação do seu inventário: Victor-Léon Daumard (1898-1965), combatente de guerra, engenheiro a serviço da radiodifusão nacional. Adeline Daumard (1924-2003), historiadora da burguesia francesa, agente na circulação do *savoir-faire* historiográfico francês no Brasil. Jacques Daumard (1926-2001), funcionário público do Ministério da Defesa. Identificados como produtores do arquivo, os três recebem destaque por terem sido trabalhadores da República Francesa.

O “estrato” que se destaca nessa apresentação por si só garantiria à família um lugar de guarda pelo Estado, mas também devemos considerar a atuação de Adeline nessa resolução. A entrada dos Daumards nesse espaço de memória está relacionada às disposições testamentárias estabelecidas por Adeline, que nomeou como sua legatária universal a Fondation Jean Moulin, doadora do acervo ao Archives Nationales. Com as rendas do capital legado, criou-se um dispositivo chamado “Aide Daumard” para ajudar financeiramente policiais feridos em serviço (FONDATION, 2020; DRCPN, 2008). Colocando à disposição do Estado todo o seu patrimônio, Adeline salvaguardou a posteridade da memória familiar. A exposição dessa ingerência no processo de transferência do arquivo não tem a intenção de questionar o seu valor arquivístico, mas evidencia como são diversos os interesses que pautam uma decisão institucional (LAMBERT, 2018; BENTHIEN, 2014).

O inventário desse fundo funciona como um tipo de “narrativa biográfica” dos seus titulares: percorrendo-o, somos confrontados por diferentes fragmentos dessa narrativa (HEYMANN, 1997, p. 58). Como um fio cronológico guiado pelos ciclos de vida, o inventário lista desde certidões de nascimentos, livros escolares, dossiês profissionais, textos de conferências, documentos de gestão financeira e patrimonial até fotografias de férias e livros de condolências. Conservado em função das atividades e papéis exercidos, o conjunto documental não configura simplesmente “prova de mim”, mas é também “prova de nós”, na medida em que testemunha acerca de “nossas relações com os outros, nossa identidade, nosso ‘lugar’ no mundo” (MCKEMMISH, 2018, p. 239).

O caráter pessoal desse tipo de arquivo, todavia, abre vias que fraturam a linearidade e a unidade de sentido que os arquivistas tendem a inscrever no inventário. É a partir das normativas do seu campo disciplinar que os arquivistas determinam o “valor” dos arquivos e então decidem pela sua guarda e posterior triagem. Escolhas e tomadas de decisão alçam esses profissionais a agentes ativos do enunciado fundador e influenciador

do nosso olhar sobre o arquivo. No caso do Fonds Daumard, os arquivistas não se integram à história do arquivo, e, assim, não somos informados acerca das negociações que empreenderam com os doadores, como também nada sabemos sobre o modo como conduziram a classificação do fundo. Na descrição provisória do inventário, os gestos individuais de guarda e seleção ainda são pouco considerados para a contextualização dos documentos.

Quando entramos no Fonds Daumard e iniciamos a abertura de suas caixas, percebemos a densidade da sua formação. Esse arquivo pessoal é constituído de pequenos vestígios de hábitos ordinários, de manifestações de afeto, de religiosidade, de sentimentos de desgosto e de fracasso. Observatório de práticas culturais diversas, o fundo testemunha a propósito das apreciações culinárias, das inclinações literárias e das preferências esportivas. Polifônico, ele tem muito a contar acerca dos lugares visitados, das experiências com o outro e das amizades deixadas para trás, assim como do tempo destinado ao lazer e ao trabalho.

A frutífera ambiguidade que cerca a intenção acumuladora mostra o arquivo como um “lugar de múltiplos construtos – de uma pessoa defendendo e combatendo ideias, do eu e de outros, ainda que simultaneamente contradizendo, convencendo e inventando” (HOBBS, 2018, p. 268). Simultaneamente lugar de prova das interações sociais e da constituição de si, a análise do arquivo deve estar atenta às diversas modalidades de uso por parte dos seus criadores. Essa orientação nos acompanha quando nos direcionamos de forma inédita aos papéis de arquivo da historiadora Adeline Daumard.

## Gestos de arquivamento e espelho generificado de uma formação

Adeline Daumard foi batizada na Paróquia São José, diocese de Limoges, pouco mais de um mês após seu nascimento. A ata que certifica o rito, imprescindível para famílias de confissão católica, é o primeiro documento de que a série “vida privada” nos oferece a leitura. Basta que esvaziemos um pouco mais essa primeira caixa para que os certificados da vida laica reorientem nosso olhar.

Dois anos mais velha que seu irmão Jacques, Adeline concluiu os estudos secundários no Lycée Fénelon, a primeira escola para meninas de Paris. O certificado de conclusão da próxima etapa escolar retém nossa atenção. A “Secretaria administrativa do serviço central de exames do Baccalauréat do Ensino secundário” atesta, no modelo de documento próprio da prova de Filosofia, que Adeline também recebia o grau de *Bachelier Mathématique*. Na prática, o acréscimo significa que a jovem poderia escolher entre

seguir uma formação superior em uma Faculdade de Letras ou de Ciências. Continuamos esvaziando a caixa e rapidamente somos informados: a Licence ès Lettres, a *agrégation* e o Doutorado em História foram feitos na Universidade de Paris (Sorbonne).

Seria possível mensurar como a representação social de gênero atua nessa escolha? Sem desconsiderar as predileções pessoais, devemos ponderar o fato de a orientação profissional de Adeline ter se dado na vigência do lema nacional do Regime de Vichy (1940-1944): “Trabalho, Família, Pátria” (ECK, 2002, p. 289). A imposição de uma ideologia “familiar” produziu estatísticas regressivas do contingente feminino no ensino superior (CHARLE, 1999, p. 85). Dentro desse universo de inferiorização, a formação universitária feminina, cujo primeiro horizonte de atuação é a educação das crianças e adolescentes, torna-se mais “tragável” socialmente e, nesse sentido, menos traumatizante para as ainda “indesejáveis” da Universidade da Terceira e Quarta República Francesa (DUMOULIN, 1998, p. 345; CHARLE, 1994, p. 217).

Caminhemos pelo Fonds Daumard sexualizando sua composição e observemos como papéis de gênero se desenham nesse espaço e justificam hierarquias sociais. Jacques, que devia receber um ensino distinto do da irmã, estuda nos liceus Montaigne e Saint-Louis. Nessas instituições, o Estado espera que ele virilmente prepare-se para assumir responsabilidades na vida pública. Direcionando-se às disciplinas que oportunizam posições de prestígio e poder, ele frequenta o Institut d’Études Politiques de Paris e a École Nationale d’Administration e, assim, acumula atributos de excelência para ocupar diferentes cargos administrativos na defesa nacional. Com escolhas profissionais marcadas pelo gênero, Jacques, espelhando-se no pai, construirá uma carreira como alto funcionário de Estado.

Os irmãos Daumard conservaram os cartões postais que recebiam do pai. Graças às suas funções na Radiodifusão Nacional, Victor-Léon Daumard pôde enviar-lhes os rostos de diversos lugares do mundo. Por meio de uma escrita amável, cujo tom pede desculpas por suas frequentes viagens, ele fazia comentários históricos repletos de curiosidades culturais. Fazendo convergir imagem e texto, Victor compartilhava os conhecimentos adquiridos no trajeto, praticando uma espécie de pedagogia a distância. Estimulada pelo pai, Adeline jamais abandonou o hábito de colecionar esses pequenos retratos do mundo.

Dentre os cartões postais que Victor enviava a seus filhos, encontramos a assinatura de Amélie Daumard ([1900?]-1998), que dividia seu tempo entre o papel de acompanhante do marido durante as missões de trabalho e o cuidado dos filhos. O inventário do Fonds Daumard não fornece um perfil biográfico de Amélie.

A autoria negada liga-se ao fato de ela não ter exercido nenhuma atividade de notoriedade pública, limitando-se a cumprir seus desígnios “naturais”. O ideal da mulher enquanto “mãe e esposa no lar” era largamente partilhado na França da primeira metade do século XX, e a contextualização histórica da biografia de Amélie teria como força pedagógica justamente convidar este presente a refletir acerca do seu passado, acerca de uma sociedade de estrutura patriarcal regulada por um código civil de caráter sexista que declarava a incapacidade civil da mulher casada (SOHN, 2002, p. 179-190). Amélie, enfim, não foi educada para participar da vida pública. Mesmo sem receber um código de identificação, sua presença se impõe no arquivo. Após o falecimento de seu marido, Amélie torna-se o centro das atenções dos seus filhos, os quais, sempre solteiros, jamais deixaram a residência familiar.

Ao contrário de Amélie, a codificação atribuída à filha é muito volumosa. Adeline foi uma proeminente produtora de evidências de si e dos outros. São vozes múltiplas que falam, às vezes, todas ao mesmo tempo. Acumuladas em uma leve desordem, elas são frutos de diferentes gestos de arquivamento. Atentos a tais gestos, seguiremos recortando e agrupando culturas pessoais de arquivamento que singularizam etapas da formação intelectual e da profissionalização de Adeline.

Além dos “arquivos da vida civil”, nos quais são colocados os documentos probatórios dos compromissos cidadãos, Adeline reuniu vários “arquivos de deleites”, dedicados aos souvenirs dos seus lazeres. As fotografias e os folders de espetáculos, exposições e espaços culturais frequentados nos levam aos seus gostos e à sua maneira de aproveitar o tempo livre. Todavia, sem dúvida, são os recortes de jornais sobre a arte de cuidar dos jardins que confessam a alegria da vida em família. Afastada da agitação de Paris, o tempo tomado para si era consagrado à jardinagem praticada na casa de campo em Villaré (região próxima de Paris). Como pinceladas de tintas, tais vestígios esboçam o retrato de uma mulher branca, burguesa, apreciadora de artes decorativas, simpática à natureza e cultora de valores familiares e religiosos tradicionais. Alguns vestígios, contudo, desestabilizam o modo realista do retrato (LUZ, 2000, p. 305), pois há que se considerar certa cor de desobediência na ausência de lazeres comuns ao casamento e à maternidade.

As linhas sensíveis entre o vínculo familiar e as desobedientes recusas de Adeline são notáveis na coleção de fotografias. No início do novecentos, já era possível que um amador se servisse de uma Kodak para registrar seu cotidiano (SCHAPOCHNIK, 1998, p. 470). Etapas das vidas dos filhos, comemorações e viagens, classificadas em “antes e pós-segunda guerra”, foram capturadas por Victor. Jacques herdou do pai o apreço pela fotografia: como ele, e diferente da mãe e

da irmã, documentou a sociabilidade acadêmica, registrou os congressos de que participou e as inspeções por ele realizadas. Poses adequadas à situação – corpo ereto, sobriedade na face –, esses homens, conforme a educação recebida, preocupavam-se com a memória imagética de suas atuações públicas. Adeline e a mãe, por sua vez, integravam a comunidade familiar, cuja imagem era apreendida na ótica desses dois homens. É paradoxal e sintomático que, com um século de registro fotográfico, o Fonds Daumard seja um observatório da evolução da técnica e da estagnação em relação à manipulação da máquina, dado que o controle da perspectiva permanece em mãos masculinas.

São poucas as fotografias das atividades acadêmicas de Adeline na França. No entanto, folheando alguns álbuns, podemos enquadrar instantes de ruptura na continuidade visual familiar. A partir de 1975, o Mediterrâneo, mar privilegiado das férias em família, dá lugar às águas que correm nos litorais sul, sudeste e nordeste brasileiro. Adeline é, finalmente, autora e atriz principal da fotografia. Ora ela se exhibe só (ou talvez possamos dizer “livre”?), ora suas novas colegas se juntam a ela. Em contraste com a França, as fotos tiradas no Brasil se distinguem pela presença das personagens: mulheres e sorrisos são capturados em um cotidiano de trabalho, em passeios turísticos e em longos momentos de conversa passados na mesa de refeição.

No que diz respeito ao curso da sua formação universitária, Adeline criou “arquivos de estudante”, composto de cadernos, apostilas, livros anotados e manuscritos. Nessa série, destaca-se a presença de temas relacionados à história econômica e à história política institucional internacional da Europa contemporânea, com destaque para as anotações feitas durante as aulas de Pierre Renouvin e Ernest Labrousse, na Sorbonne. Esses autores foram formadores dos irmãos Daumard, cujas teses, escritas em uma temporalidade partilhada, entraram em temas relativos às relações internacionais, à economia política e ao direito financeiro. Jacques defendeu sua tese na *Faculté de Droit de Paris* em 1961, e Adeline, em 1963, na *Faculté de Lettres de Paris*. Os interesses comuns certamente animaram a convivência e as trocas acadêmicas entre os irmãos; o apoio e o respeito intelectuais mútuos confluem para o entendimento do laço afetivo existente entre eles. O ambiente familiar de debates atua na autoconfiança intelectual de Adeline, que, afastando-se do destino da mãe pelo acesso à universidade e ao mercado de trabalho, buscava assemelhar-se ao irmão, e assim ser reconhecida como apta a exercer responsabilidades.

O compartilhamento de leituras entre os irmãos vincula-se, ao menos do lado da História, ao avanço do projeto interdisciplinar defendido por Marc Bloch e Lucien Febvre,



editores da revista *Annales*. A aliança da História com as Ciências Sociais se ampliava com a crescente audiência de Labrousse, um economista convertido à História que construía ao seu redor uma legião de orientandos.

A perspectiva historiográfica que domina o cenário dos anos 1940 é vista nesses “arquivos de estudante”, em que pouco a pouco um panteão de grandes professores, todos homens, impõe-se. As leituras que formaram Adeline foram todas de autoria masculina. O mutismo da voz feminina no arquivo funciona como espelho das salas universitárias de instituições consideradas de excelência e das casas editoriais, que também agem na legitimação da autoridade professoral. Um espelho antigo, reflexo da profissionalização da disciplina sob o signo do gênero masculino e por meio da metaforização da inferioridade feminina (SMITH, 2003, p. 15-18)<sup>3</sup>.

Na década em que as mulheres conquistaram o pleno direito ao voto, não era negligenciável, principalmente entre as classes médias e abastadas, o número de francesas diplomadas, mas suas carreiras e o reconhecimento intelectual ainda eram muito distintos em relação aos dos homens (SCHWEITZER, 2009). Agindo a favor de uma divisão do trabalho universitário em proveito dos homens, a instituição escolar não preparava as alunas para a profissionalização no ensino superior, e, assim, a primeira cátedra ocupada por uma mulher na Faculdade de Letras de Paris só ocorreu em 1947 (CHARLE, 1994, p. 218). Considerando essa data, se Adeline viu mulheres transitando entre as salas de aula da Sorbonne, foi apenas nos papéis diferenciados de assessoras ou auxiliares dos professores homens.

Personagens secundárias na imagem da História, as mulheres diplomadas figuravam como arquivistas, bibliotecárias, assistentes, copistas, compiladoras, secretárias; eram, em síntese, operárias valorosas que, nos lares, escritórios, laboratórios ou faculdades, preparavam o terreno para os gênios produtores de histórias (DUMOULIN, 1998, p. 344), como Febvre e Bloch.

Citemos, no caso de Febvre, a ofensiva contra as pretensões de autoria de Athénaïs Michelet, feita no projeto de edição erudita dos trabalhos do marido sob sua supervisão. Classificando Athénaïs como “viúva abusiva”, “os organizadores construíram a autoria com base na caligrafia, e mesmo assim aplicaram padrões marcados pelo gênero ao que isso indicava” (SMITH, 2003, p. 204). Também não esqueçamos a omissão por parte desse historiador das contribuições recebidas de sua esposa, Suzanne Febvre,

<sup>3</sup> Esse modo de disciplinarização é verificado nas Ciências Sociais. Charron (2013) analisa como os enunciados de inclusão e marginalização das mulheres afinavam-se aos critérios científicos “universais” e “neutros” que legitimavam a figura intelectual masculina.

e de Lucie Varga<sup>4</sup>, sua assistente e amante. Suzanne, que abandona sua tese após o casamento e exerce o ofício à sombra do marido, lia os manuscritos de Lucien, assistia-o em suas missões de pesquisa e organizava jantares e recepções (DAVIS, 2017, p. 174-175). Varga, por seu lado, assessorava Febvre nos *Annales*, na *Revue de synthèse* e na *Encyclopédie française* e fazia resumos e traduções que ele utilizava em seus cursos, livros e artigos. Em alguns casos, as notas de leitura de Varga eram a base de suas resenhas. Quanto à Marc Bloch, lembremos de suas reiteradas desconfianças com relação às mulheres intelectuais (SCHÖTTLER, 1991) e do apagamento do trabalho de Simone Bloch, sua esposa. Além de secretária e assistente não remunerada, Simone, mãe de seis filhos, também tomou parte nas pesquisas do marido: todos os manuscritos de Marc eram minuciosamente relidos por ela, que jamais foi citada ou recebeu uma nota de agradecimento (DAVIS, 2017, p. 175-176).

Analisando a “fraternidade masculina” dos primeiros *Annales*, Natalie Zemon Davis (2017) mostra como a condição marginalizada das historiadoras estava enredada em configurações de poder que minoravam a contribuição das mulheres e solapavam sua ascensão na carreira. As ações de Febvre e Bloch são esforços conjugados para a invisibilização da autoria feminina no núcleo dos *Annales* – revista que se projetava como espelho da produção intelectual francesa<sup>5</sup>.

Bloch, Febvre, Labrousse e, posteriormente, Fernand Braudel eram a representação da História para a jovem formada no pós-guerra. Pulsando aquilo que de mais criativo e inovador havia na produção historiográfica, essa imagem poderosa atrai Adeline e será em torno das orientações dos *Annales* que ela se tornará pesquisadora.

## Arquivar a pesquisa, obrar a massa documental

Conquistado o certificado de *agrégation d'histoire* em 1950, Adeline inicia a criação de um “arquivo de pesquisa” para a preparação da tese. O doutorado é fundamental para a construção da carreira de “professora-pesquisadora”, mas também é um desafio considerando que o próprio termo “historiadora” era de emprego recente (ERNOT, 2007). Se historiadoras como autoras já compareciam mais nos *Annales*, seu número

<sup>4</sup> Varga, historiadora e etnógrafa austríaca de origem judia, chega a Paris em 1933 e é recrutada por Febvre. Fazendo história das mentalidades, participa da crítica ao nazismo e torna-se a primeira mulher a comparecer regularmente nos *Annales* (SCHÖTTLER, 1991, p. 9).

<sup>5</sup> O tímido eco que o artigo de Davis obteve na França expressa o desejo de não arranhar o espelho que reflete a imagem dos *Annales*. Publicado em 1992, o artigo foi traduzido para o francês em 2017 e suscitou o olhar crítico do então diretor, Anheim (2017).

ainda era inexpressivo na tradicional *Revue Historique*. De 1950 a 1960, cerca de 10% dos artigos publicado nos *Annales* são de mulheres. Com a intervenção de Braudel, Adeline publica sobre metodologia em história social em 1958, depois avança nesse tema, assinando com François Furet em 1959 e 1961, mas ela não divulga seu trabalho sem tutela ou coautoria. Nos sumários dos dois números de 1950 da *Revue Historique*, vemos que, de 20 artigos, apenas um é de autoria feminina.

Essas cifras compõem a segunda fase da “feminização” universitária que coincide com a entrada em cena de incentivos à pesquisa por parte do Centre National de la Recherche Scientifique (CNRS). Nomeada “pesquisadora associada” do CNRS (1954-1958), Adeline deixa de se deslocar entre os liceus da Normandia e de Paris para se dedicar à tese. Como escolhera estudar o perfil social da burguesia parisiense da primeira metade do século XIX, a permanência em Paris era imperativa.

A abordagem da tese vincula-se diretamente ao projeto labroussiano que visava a conhecer as estruturas sociais por meio do estudo da constituição econômica, da configuração social e dos consequentes fundamentos psicossociais (comportamentos políticos, atitudes mentais) (LABROUSSE, 1955). Adeline costuma constar nos recenseamentos que listam as grandes teses regionais francesas surgidas desse modelo. Ela aparece ao lado de historiadores como Pierre Goubert, Emanuel Le Roy Ladurie, Maurice Agulhon, Pierre Chaunu e Jacques Dupâquier (DELACROIX; DOSSE; GARCIA, 2012, p. 215-216), nomes que habitam o Fonds Daumard e que, inscritos em suas agendas pessoais e listas de contatos, delineiam o círculo de sociabilidade formado em torno de Labrousse, do qual Adeline é a figura feminina de exceção.

Essa geração impulsiona a história social, que amplia seu questionário aproximando-se da demografia e da estatística e, buscando metodologias e técnicas, introduz-se nos recém-criados centros e laboratórios. Essa movimentação é documentada no conjunto de agendas pessoais de Adeline, incluído na série “arquivo de pesquisa” por expor os pequenos e cotidianos passos da interdisciplinaridade que caracteriza essa produção historiográfica. Seus registros diários descrevem a rotinização da pesquisa: amanhã de manhã, emprestar um livro na Biblioteca Nacional da França; à tarde, passar na Biblioteca da Cidade de Paris; no dia seguinte, códigos de dossiês para consultar no Arquivo Nacional; uma única anotação nos dias subsequentes: Arquivo do Senna.

Para transformar dados brutos em hipóteses investigáveis (FURET, 1971), outro itinerário é requerido, e ter em mãos um repertório de nomes e endereços úteis pode assegurar o apoio técnico necessário. Telefonar a Jacques Bertin, diretor do Laboratoire de Graphique na École Pratique des Hautes Études (EPHE), para combinar

a revisão dos mapas e gráficos; verificar as estatísticas no Institut National d'Études Démographiques, depois discutir os quadros no Institut National de la Statistique et des Études Économiques.

Para construir uma síntese da burguesia urbana entre 1815 e 1848, Adeline mobilizou listas de proprietários de imóveis, de prefeitos, de registros populacionais, dossiês administrativos pessoais, circulares eleitorais, declarações de impostos, dossiês de falências, listas de acionistas, estudos de ruas, mapas, documentos paroquiais, contratos de casamento, inventários post-mortem, sessões de bens, testamentos, cadernos de viagem e de contabilidade, memórias, correspondências privadas, romances, imprensa e jurisprudência. Adepta da cultura metódica das fichas, ela criou fichários temáticos, biográficos e genealógicos, fichas topográficas de Paris, fichas com recortes anuais (essenciais para o recorte cronológico) e de consulta a bibliotecas, arquivos e fichas bibliográficas. A submissão desse conjunto heterogêneo e massivo ao método quantitativo e serial foi uma prática pioneira de Adeline, rendeu-lhe felicitações da banca de tese (BÉDARIDA, 1964, p. 279), resenhas muito positivas e a consagração pela Académie des Sciences Morales et Politiques (Institut de France).

Testemunhando uma maneira de interrogar o passado, de considerar a relação com o status das fontes e de conceber a narrativa histórica (BORGHETTI, 2010, p. 414), o "arquivo de pesquisa" é a face material de uma "historiadora em ação", obrando sua massa documental (BOUCHERON; DALARUN, 2015). Assim, o seu volume tanto conta sobre o assentamento de uma cultura estatística na história quanto expõe o doloroso e moroso processo de domínio das séries e da produção textual.

Anotações diversas, notas soltas, rascunhos incompletos e rabiscos momentâneos, esses "refugos", criados pragmaticamente para estimular o trabalho (HOBBS, 2018, p. 266), espessam o arquivo. Uma página sem retoques, considerada adequada, nasceu de três outras que foram descartadas por um enorme e irritado X traçado em vermelho, a cor do descontentamento. Os conteúdos das caixas competem em teimosia; exibem, uma caixa após a outra, cálculos de fortuna e renda, curvas de preço e flutuações monetárias, gráficos de classificação social e tabelas de profissões que resistiam em ser ordenados. No meio deles, esquemas intitulados "precisão do capítulo", "explicações", "definições", que funcionavam como pausas para organizar o pensamento e proceder a novas manipulações. Esses arranjos também denotam a preocupação de Adeline com a inteligibilidade do texto. O cuidado com a narrativa é uma marca das grandes teses regionais; cabe lembrar a repercussão de Ladurie e Duby, e Adeline não a menospreza, apesar da aridez de sua escrita. Essa aridez, entretanto, é uma forma de afirmação decorrente dos constrangimentos da tese; ela está ligada

não só à crença metodizada de ressurgência do passado e apoderamento da vida em sociedade, mas também à vontade de mostrar a sua *expertise* na área de história social quantitativa. A historiadora buscava corresponder e ultrapassar as expectativas de sua banca masculina, que não apenas outorgaria o título, mas, pelo patronato da época, influenciaria a prosperidade na carreira.

Vestígios de um modo de fazer, fragmentos do trabalho, esses refugos do labor intelectual são também o não dito do cotidiano de um pesquisador. Adeline os retomou ao longo da vida, e com eles revisou, revisitou e ampliou a tese. Em torno do tema da burguesia e das elites sociais, a historiadora empreendeu projetos sobre fortunas francesas e cidades urbanas, escreveu sobre classificação socioprofissional e genealogias sociais, voltou-se de modo prógono para o tema dos lazeres e ócios na disciplinarização da vida burguesa, analisou a sociabilidade da nobreza e refletiu acerca do papel das mulheres, da moral burguesa e das transformações da sociedade francesa no século XX. O “arquivo de pesquisa” que configura sua obra nunca deixou de crescer, ele foi moldado pelos avanços da pesquisa, pelas críticas recebidas, pelos obstáculos impostos à sua carreira e pelos encontros inesperados.

## Arquivar a docência, documentar a subordinação feminina

Um ano após a defesa da tese, Adeline assume uma vaga em Brest (1964-1966), e seus arquivos se redefinem. Visando a um público específico, composto de alunos, ouvintes, orientandos, colegas e superiores, ela produz seu “arquivo de docência”.

O historiador profissional está inclinado a ser professor universitário, e aí repousa o difícil equilíbrio entre o tempo da pesquisa e o das atividades de ensino. A programação do tempo muda quando Adeline se torna professora; suas novas demandas sublinham um cotidiano de preparação de cursos, seminários, conferências, elaboração de planos pedagógicos e avaliações diversas (teses, concursos, projetos). Os encargos se distribuem de forma diferente a cada mês, mas, no geral, notamos a redução de suas andanças de pesquisa.

A exemplo das atividades realizadas em um escritório de revista ou em uma associação profissional, bem como a produção de relatórios administrativos e o preenchimento de formulários de auxílio à pesquisa e ao ensino, muitos dos afazeres docentes não são fixados em seu currículo. No entanto, mesmo que deixados à sombra, eles movem as engrenagens da profissão e destacam a experiência do trabalho do historiador em toda a sua generalidade (ANHEIM, 2018).

Parte substancial do seu “arquivo de docência” é ocupada por seus orientandos. A face material da função orientação é representada pelos exemplares rascunhados pedindo esclarecimentos e por pareceres sugerindo correções e indicando bibliografia. As respostas ao seu trabalho chegam pelo correio: “Agradeço novamente pelos conselhos e exprimo mais uma vez meu reconhecimento pelos exemplos de honestidade e vigor intelectual que você sempre me deu” (WISCART, [199-?]). As palavras de Wiscart compõem um conjunto de cartas afetuosas de agradecimento pelo incentivo, de reconhecimento pela leitura cuidadosa e de manifestação de dívidas pelas avaliações e direcionamentos. A “correspondência orientadora” acompanha a coleta das fontes e a escrita, e implica, da parte de Adeline, a ultrapassagem da *expertise*. As cartas sobre o trabalho intelectual falam das dificuldades familiares, justificam as pausas forçadas por problemas de saúde e, por vezes, manifestam o cansaço do processo. Finalizada a tese, as cartas de orientação dão lugar aos postais, que continuam a alimentar as relações, renovando os laços nas datas festivas.

O espaço dos orientandos também é alusivo aos embaraços da sua carreira na universidade francesa. Ocupar uma posição institucionalmente forte é fundamental para dar continuidade à pesquisa e fazê-la avançar com a supervisão de teses. No caso de Adeline, a chegada à Universidade Paris 1 com 60 anos de idade, em 1984, e a obrigação legal de aposentar-se logo em 1992 tiveram um efeito negativo em relação ao tempo necessário para estabelecer uma rede e para investir, por meio de seus orientandos, na circulação social de sua maneira de praticar a história (PALMEIRA, 2013). O afastamento da historiadora do círculo de poder de Furet, Chaunu e François Crouzet contribuiu para o seu enfraquecimento no ambiente historiográfico pós-anos 1980. Como o seu nome não estava atado ao capital de poder universitário suficiente (BOURDIEU, 2011), ela pouco podia oferecer aos seus alunos em nível de influência para obter uma boa posição acadêmica.

À interpretação do “arquivo de docência”, acrescentam-se os papéis que traçam o tortuoso percurso institucional de Adeline. Relativamente organizados, eles tornam visível a intenção arquivística e testemunhal da historiadora. Para cada depósito de candidatura, investida sobre alguma universidade ou sobre o Ministério da educação nacional, existem pastas mais ou menos ordenadas, identificadas e datadas. Elas guardam cartas recebidas, cópias ou rascunhos de cartas enviadas, legislações, estatutos, alguns recortes de jornais sobre reforma universitária, tabelas de professores com seus históricos profissionais e possíveis datas de aposentadoria, listas de contatos e pequenas notas manuscritas.

Esse conjunto razoavelmente organizado servia como fonte de consulta – Adeline recuperava nas pastas os episódios que descrevia na correspondência e os utilizava para recapitular o cenário e construir esquemas de ação<sup>6</sup>. É possível que a acumulação de papéis tenha sido motivada pela intenção de fazer um estudo sobre a “Universidade da 5ª República”, explorando a sua marginalização (DAUMARD, 1976b, p. 4). Conjecturas à parte, esses papéis, como escritas de si (ARTIÈRES, 1998; ARTIÈRES; LAÉ, 2011; GOMES, 2004), expõem um perfil do si em combate, reconstruindo-se, modulando-se defronte dos outros, em confronto com o mundo social. No entanto, que mundo confrontável seria esse?

Começamos com o universo da École des Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS), antiga VIe section de l’EPHE, braço institucional dos *Annales* e historicamente resistente às historiadoras como Diretoras de Estudos, posição mais elevada na hierarquia institucional. No verão de 1980, Adeline escreve a Furet, informando seu desinteresse por uma futura candidatura na instituição. Essa carta simboliza o rompimento da relação de coautoria dos anos 1950 e 1960 e marca a reação de um corpo já cansado de estar na “fila de espera”<sup>7</sup>:

Após sua designação como presidente de l’EHESS, eu vim vê-lo para exprimir, entre outras coisas, meu desejo de que fosse normalizada minha situação na École, e de que eu fosse nomeada Directeur Études Cumulant. Com muito entusiasmo você me disse quanto era favorável a esse projeto. Você acrescentou que, quando uma vaga estivesse disponível, você me preveniria e faria todo o possível para apoiar minha candidatura (DAUMARD, 1980).

Quando Furet assumiu a presidência em 1977, Adeline, tendo em vista seu percurso na EHESS, renovou uma esperança antiga. As funções de “chefe de pesquisa” (1958-1961), “mestre assistente” (1962), “diretora-assistente de estudos” (1963) e de “mestre de conferência” (1964-1965; 1971; 1975-1977) foram obtidas com a intervenção de Labrousse e Braudel, homens que tutelaram a evolução interna dessas posições. Esses cargos foram objetos de inúmeras trocas de cartas, pois eram designações temporárias que dependiam da aquiescência da direção. Nessas cartas, Adeline,

<sup>6</sup> Essa modalidade de uso é notada no acervo de Duby, que recorria aos seus papéis para “escoar a sua reconstituição” autobiográfica (BRANDI, 2013, p. 123) e no de Alice Canabrava, que controlava o caminho da conversa epistolar (ERBERELI JR., 2019, p. 264).

<sup>7</sup> O fenômeno da “fila de espera” refere-se ao longo processo de subordinação interna das mulheres para conseguir ascender ao posto mais alto da instituição. Esse cenário sofrerá uma inflexão efetiva a partir dos anos 2000 (BACKOUCHE; GODECHOT; NAUDIER, 2009).

ciente do imperativo das alianças, joga o jogo e faz deferência a esses historiadores: “Eu sei como sua influência é decisiva nas eleições da VI Section”, diz Adeline a Braudel em 1964 (DAUMARD, 1964). Esse tom estratégico de fala retorna nas cartas que troca com Crouzet e Chaunu por ocasião da sua candidatura à Universidade Paris IV em 1972 e 1977. Reconhecendo-os como autoridades, Adeline se coloca à disposição e pede o patronato. Em carta a Chaunu, ela assim se exprime: “você sabe o quanto desejo fazer parte de sua equipe [...]. Acredito que minha presença em Paris IV traria grandes vantagens para mim evidentemente, mas também para a realização dos seus projetos e anseios” (DAUMARD, 1976a, p. 1).

Adeline não escrevia a desconhecidos, ao contrário, ela se direcionava às pessoas com quem trabalhou e com quem mantinha projetos comuns. Ela tentava, assim, ativar essa rede a seu favor. Com o mesmo enredo, as cartas expunham as sociabilidades antigas e os auxílios prestados em nível pessoal e intelectual, para, em seguida, lembrarem as dívidas existentes e cobrarem as promessas feitas.

Uma recorrente queixa de Adeline era a precariedade em que vivia como docente na Universidade de Picardie, em Amiens (1966-1984), porque entendia permanecer em um posto “debutante”, sem estrutura de trabalho. De acordo com o *modus operandi* de então, após a defesa da tese, os talentos iniciavam a carreira nas universidades de província, onde trabalhavam até uma vacância em Paris. Neste meio centralizado e hierarquizado, cujo número restrito de postos superiores era regulado por patronos que “decidiam carreiras universitárias”, a consagração profissional estaria na articulação discreta entre um *saber* (*expertise*) e um *lugar* (instituição) (CERTEAU, 2002, p. 71). Apesar das contestações de 1968, a universidade ainda alicerçava-se em um modelo de autoridade patriarcal, em que um indivíduo dificilmente progredia “sem a dependência de outrem” (CLARK; CLARK, 1971, p. 24).

O personalismo dessa forma de recrutamento é visto na candidatura de Adeline à Universidade Paris IV. Após a decisão do júri, o redator do Comitê Consultivo do concurso escreve-lhe narrando o desfecho da votação. Segundo Jacques Godechot, antigo diretor da Faculdade de Letras de Toulouse, discípulo de Georges Lefebvre e relativamente autônomo em relação ao círculo Labrousse/Braudel/*Annales*:

Nos termos da minha comparação, me pareceu que você era mais experiente, possuía maior número de publicações e missões internacionais mais longas e importantes. Eu, portanto, votei a seu favor. Mas os representantes da Universidade de Paris IV enfatizaram que ainda que a



cadeira vacante tenha sido classificada como de História contemporânea, trata-se em seu ponto de vista de uma cadeira de História econômica (GODECHOT, 1977, p. 1).

A persuasão de François Crouzet garantiu a vaga ao seu antigo orientando, François Carron, homem mais jovem, com menos experiência profissional e um currículo inferior ao de Adeline. A insustentabilidade do discurso da meritocracia ainda é coroada com uma moção de louvor aos trabalhos de história social da candidata (GODECHOT, 1977, p. 1).

Depois dessa derrota, Adeline ainda investe sobre a EHESS, na presidência de Furet, e sobre Paris 1, onde consegue apoio de Maurice Agulhon para sua segunda candidatura. Na carta que sela o apoio, ele afirma: “é a sua obra que coloco em primeiro lugar, eu gostaria muito de ajudar a dar à sua carreira o fim parisiense que você tão legitimamente deseja” (1983). Agulhon, embora tenha se doutorado no círculo labroussiano, criou uma carreira imbricando história social e cultural e dedicando-se ao tema das representações sociais (CHARLE; LALOUETTE, 2017), o que nos leva a inferir que Adeline tenha vivido uma experiência de dominação masculina própria a sua especialidade.

No tempo em que Adeline inicia a carreira docente, ela é a única mulher que leciona História Contemporânea e que desenvolve pesquisa em história econômica e social quantitativa (DUMOULIN, 1998, p. 355). Sua sociabilidade intelectual nos eventos, seminários e associações era majoritariamente feita com profissionais masculinos. Esse predomínio poderia estar ligado à identificação da especialidade com a estatística, matemática e economia, disciplinas cuja competência é adjetivada no masculino (GARDEY; LÖWY, 2000). Quando Crouzet defende o perfil do profissional que deseja para a cadeira vacante, ele afirma que Caron, um historiador economista puro, resguardaria a especialidade de “algumas formas de história menos sérias e austeras” (1976b, p. 2). Dentro dessa representação generificada, Adeline perturbava a boa imagem da história econômica “pura”.

Nesse quadro, as derrotas da historiadora desestabilizam a narrativa que preconiza que a organização do campo disciplinar é destituída de injunções de gênero e fundada em princípios científicos universais, neutros e imparciais (SCOTT, 1992, p. 71). O mundo confrontável de Adeline, respondendo à questão posta acima, é um mundo marcado por assimetrias de gênero em favor dos homens nas profissões intelectuais, o qual foi tematizado pelo Movimento de Libertação das Mulheres (MLF), que eclodiu

nessa mesma década, mas de que tanto Adeline quanto os homens do seu círculo não tomaram parte.

## Arquivar o Brasil, lembrar a acolhida brasileira

Simultaneamente aos embates mais duros ocorridos no interior do seu círculo intelectual francês, Adeline fortalecia as bases de uma nova rede intelectual em solo estrangeiro. Quando Godechot ressaltou que as missões internacionais da historiadora eram “mais longas e importantes” que as de seu concorrente, ele se referia ao seu trânsito intelectual pelo Brasil. Desde o primeiro convite, em 1975, Adeline concede espaço e significado destacáveis às relações brasileiras na economia dos seus papéis pessoais. Ela se coloca a “arquivar o Brasil”.

Adeline, que teria sido indicada por Braudel à Cecília Westphalen (1984), viajou ao Brasil para ministrar seminários e conferências sobre sua forma de praticar história social quantitativa (DAUMARD, 1978). Westphalen, Presidente do Conselho de Ensino e Pesquisa da Universidade Federal do Paraná (UFPR), e Altiva Balhana, Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em História (PPGH) da mesma instituição, promoviam a vinda de pesquisadores estrangeiros com o intuito de corroborar linhas de pesquisas em história econômica e demográfica. Na UFPR, Adeline é a primeira mulher do grupo de franceses que contribuiu com essa estrutura em formação, e é possível que conserve essa posição em nível nacional.

Lendo os relatórios institucionais, as agendas e a correspondência que guardou, sabemos que suas missões de ensino foram apoiadas por uma rede de historiadoras. Além das já citadas Westphalen e Balhana, compuseram esse grupo: Kátia Mattoso e Consuelo Pondé de Sena, da Universidade Federal da Bahia (UFBA), Yedda Linhares, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Anita Novinsky e Maria Beatriz Nizza da Silva, ambas da Universidade de São Paulo (USP).

Essas mulheres impulsionaram seus seminários e conferências, abriram as portas das suas casas a ela e lhe deram acesso à intimidade familiar. Fizeram essa acolhida tanto para contrabalancear os encargos da estadia quanto pelos laços de amizade que se teciam à medida que Adeline retornava. Nota-se o esforço de Linhares e de Mattoso para garantir a vinda dela em 1977. Enquanto esta contactava Maria Luiza Marcílio da FFCL de Assis e Daisy Ribeiro de Carvalho da FFCL de Marília, aquela mobilizava sua rede na UFRJ, na UFMG e na PUC-Rio (DAUMARD, 1976c). Elas, situadas em instituições reconhecidas, deram visibilidade a Adeline, levaram-na a falar

nos jornais e divulgaram seus passos pela imprensa de uma forma que parece não ter acontecido na França.

Um dos conjuntos documentais mais robustos acerca de suas experiências é a correspondência com sua mãe e seu irmão. Utilizadas como diários íntimos (DIAZ, 2016, p. 185), suas cartas registram seus estranhamentos culturais, sua prepotência intelectual, suas descobertas e seus encantos. O olhar de Adeline às mulheres que a rodeavam remete implicitamente ao seu meio de pertencimento. A francesa enfatizava a seus correspondentes as posições que essas historiadoras ocupavam. Chefes de departamento, coordenadoras de pós-graduação, presidentes de comissões, conselheiras administrativas, elas pareciam ter maior fluidez pelos diferentes estratos da universidade, e isso embaralhava a visão francesa de Adeline.

A impressão da convidada encontra respaldo na especificidade da formação universitária brasileira. Em uma sociedade que entrava em processo mais agudo de urbanização, industrialização e diversificação cultural, em que a ideologia familiar da domesticidade da mulher apoiada em princípios da doutrina católica buscava ser a ordenadora dos julgamentos sociais, foi muito significativo para as mulheres o fato de a legislação universitária da década de 1930 não as ter excluído do ensino superior, como ocorreu na França no século XIX. Embora existisse uma nítida hierarquia masculina no sistema inaugural de cátedras, a universidade brasileira desenvolveu-se com a presença do elemento feminino. A progressiva descentralização do poder catedrático e a crescente burocratização (vinda com a Reforma Universitária de 1968) legaram mais tarefas aos docentes e acabaram oportunizando lugares de liderança às mulheres (TRIGO, 1994), sobretudo àquelas que afrontavam o domínio masculino desde os anos 1950, como as anfitriãs de Adeline. Rememoremos que Linhares (FNFi/UFRJ) e Westphalen (UFPR) conquistaram a cátedra em 1957, feito realizado por Canabrava em 1951 (USP) e seguido por Eulália Lobo em 1958 (FNFi/UFRJ). Altiva Balhana (UFPR) obteve a livre-docência em 1959. A francesa, então, presenciava e se beneficiava dessa movimentação estrutural.

A série de cartas que Adeline trocava com as brasileiras sobre as formalidades da viagem sinalizam as expectativas historiográficas das colegas. Demonstrando conhecer a produção da convidada e ansiosas pelo encontro, elas serviam-se dessas cartas para adiantar a conversa acerca dos seus temas e desafios de pesquisa. Adeline devia se preparar, pois suas colegas contavam com ela “para sair de alguns impasses relativos às [suas] fontes” (LINHARES, 1976).

Essa rede feminina, enfim, traz um “sopro de vida” à carreira da historiadora, que se engaja na formação de uma biblioteca “brasileira”, em que as regiões de São Paulo, Paraná e Bahia são privilegiadas. Visando a intensificar as trocas, Adeline se dirige às fontes da história brasileira e, especialmente, à bibliografia de suas interlocutoras mais próximas. O “arquivo do Brasil”, então, enriquece-se com as análises de Mattoso acerca da escravidão, dos preços e dos salários na Bahia. Também se amplia com os artigos de Westphalen e Balhana sobre a ocupação territorial do Paraná, a propriedade e a dinâmica demográfica no sul do Brasil, além das obras de Nizza da Silva sobre cultura letrada, estratificação social, sistema matrimonial e o papel das mulheres no Brasil oitocentista. A dedicatória que acompanha os exemplares é retribuída pelos comentários que Adeline faz nas margens ou em folhas à parte, os quais passam a constituir-los enquanto rastros de leitura e ensaios de interlocução imediata.

A vontade de cruzar temas e abordagens que motiva esse arquivamento do Brasil é facilitada pela receptividade da historiografia francesa na academia brasileira. Aliás, justamente devido à presença francesa no processo de disciplinarização da História, os temas e abordagens das primeiras teses não representavam escolhas de gênero, mas da história neutra e universalizada. Se, no que tange a ascensão na carreira docente, as brasileiras tinham muitas experiências a compartilhar com Adeline (falamos dos constrangimentos dos concursos e do protagonismo masculino (ERBERELI JR., 2019; LIBLIK 2019), talvez não possamos dizer o mesmo quanto à especialidade (história econômica e social) e à abordagem (quantitativa e/ou serial). Para conquistar reconhecimento intelectual, as mulheres no Brasil praticavam a mesma história “metodologicamente renovada” que seus colegas homens (CANABRAVA, 1962). Considerando que a conceitualização da História como ciência no século XIX fundamentou-se construindo oposições valorativas também relacionadas às “definições evolutivas de masculinidade e feminilidade” (SMITH, 2003, p. 13), é possível dizer que importamos uma história já generificada, portanto, apaziguada em torno dos grandes critérios de legitimação<sup>8</sup>.

A prática da história que sela o encontro de interesses é verificável na passagem de Adeline pelo PPGH da UFPR. Nessa instituição, onde demorou-se mais (1975, 1979, 1980 e 1986), suas lições foram a matriz inspiradora da linha de pesquisa em História Social, que entrou em vigor em 1977. Seu nome é impulsionado, e ela se torna uma referência induzida das dissertações da linha (MARCHI, 1995, p. 47).

<sup>8</sup> A tese de Gilda de Mello e Souza, *A moda no século XIX* (1950), é um exemplo de qualificação de gênero. Representando uma curva no inventário de temas legítimos das Ciências Sociais, a tese foi desqualificada por ser “fútil”, “coisa de mulher” (PONTES, 2006, p. 90).

A parceria intelectual feminina é levada adiante, e o espaço epistolar torna-se “laboratório da obra” (DIAZ, 2016), lugar em que se encontram para discutir, planejar, escrever e revisar. Um volume considerável de textos passa a circular devido à produção de uma obra conjunta sobre teoria e metodologia da história social quantitativa. *História Social do Brasil: teoria e metodologia* (1984) problematiza os limites da aplicabilidade da história social quantitativa às fontes das diferentes realidades regionais brasileiras – obra que Nizza da Silva leva aos seus cursos de Teoria da História na USP para debater a relação entre “o historiador e a quantificação” (NIZZA DA SILVA, 1987).

Explorando mais uma vez o verbo “levar”, Nizza da Silva, Westphalen e Balhana levaram Adeline à Sociedade Brasileira de Pesquisa Histórica (SBPH), que fundaram em 1981. Integrante do corpo editorial da *Revista da SBPH*, a historiadora intermediou contatos com seus colegas franceses e a recomendou a seus alunos. Alimentado intelectualmente pela sociabilidade promovida na SBPH, o projeto Capes-Cofecub “História comparada de sociedades urbanas: políticas urbanas e dimensão cultural de cidades brasileiras e francesas (1840-1945)” (BATISTA; GRAF, 1998; 1999) ainda lhe oportunizou avançar em sua perspectiva de “história social comparada entre nações” (DAUMARD, 1987).

No término dos anos 1980, Adeline começa a preservar vestígios de suas relações com Portugal. A rede de historiadoras trama mais uma teia. Logo que Nizza da Silva, aposentada da USP, deixa a presidência da SBPH a cargo de Westphalen e retorna à sua terra natal, um novo espaço acadêmico se abre a Adeline. Acumulam-se convites para conferências e seminários, para publicação e entrevista (DAUMARD, 1990), assim como avolumam-se textos: uma tese portuguesa sob sua orientação coroaria o encontro (CRUZ, 1994).

O arquivo pessoal de Adeline indica que a francesa também “levou” suas colegas brasileiras ao seu meio universitário. O respeito intelectual é simbolizado na contrapartida. Entre os convites para ministrar seminários e participar de congressos, encontramos anotações atentas sobre a conferência de Nizza da Silva em seu seminário na EHES. Uma vez em Paris 1, Márcia Graf, sua orientanda, e Westphalen subiram as escadas da universidade para falar sobre suas pesquisas. Resenha de livro de Kátia Mattoso<sup>9</sup> e auxílio a estudantes de suas colegas também denotam seu esforço em retribuir a acolhida brasileira.

<sup>9</sup> Mattoso foi orientanda de Adeline, mas rompeu com ela quando estava prestes a defender o trabalho na Universidade de Picardie. Ela finalizou a tese sob a orientação de Crouzet, que apoiou sua candidatura à cátedra de História do Brasil em Paris IV.

Abrigo de uma história longa, o Fonds Daumard testemunha a vitalidade dessa rede de historiadoras, assim como seu desfalecimento. Frases desapontadas representam os rompimentos<sup>10</sup>. Palavras sutis choram as perdas dos entes queridos, expõem a solidão e lamentam seus corpos doentes. São vestígios de amizades, rastros de subjetividades, que também atravessam o ofício dos historiadores.

## Considerações finais

O Fonds Daumard é produto do investimento pessoal de Adeline. O arquivamento do seu nome em um lugar prestigioso como o Archives Nationales potencializa a sua produção historiográfica e a sua trajetória, além de contornar remediando, de uma certa forma, o sentimento vivido de falta de reconhecimento e mesmo de dúvida de suas capacidades acadêmicas. Lemos a ingerência da historiadora no processo de guarda do arquivo como uma estratégia de reação, como um ato testemunhal de si e de sua comunidade historiográfica.

Arquivos pessoais vastos como os de Adeline permitem interrogar o modo como o mundo profissional é complexa e diversamente sentido e significado por seus membros, sobretudo quando o sujeito é uma mulher e está situado em um campo acadêmico em que a norma é genericada (ROGERS; MOLINIER, 2016). Nesses fundos, os acúmulos dos titulares fornecem elementos para historicizarmos representações do historiador de ofício, colocam em cena as etapas da formação familiar e educacional, as dificuldades do processo cognitivo de aprendizagem e produção historiográfica, as coerções de gênero do campo disciplinar, a multiplicidade de tarefas inerentes ao trabalho profissional, a arquitetura das relações acadêmicas e as estratégias de circulação de práticas e saberes.

O Fonds Daumard pode ser abordado por outros ângulos, há diversas narrativas possíveis por meio e em torno do arquivo (HEYMANN, 2013, p. 68). Nossos recortes visaram a destacar como algumas oscilações inscritas na trajetória acadêmica de Adeline estão relacionadas aos constrangimentos postos às mulheres intelectuais (OLIVEIRA, 2018). Nesse sentido, cabe exprimir que este artigo também se originou da vontade de compreender as formas pelas quais o domínio da profissão por uma parcela masculina causou sofrimentos psicológicos e danos inestimáveis às carreiras femininas. A despeito do controle masculino das posições universitárias,

<sup>10</sup> Sobre a ruptura com Mattoso, a carta de Novinsky sugere a intensidade da decepção de Adeline: "I can hardly believe it! Friends like you were! [...] But dont pay any more attention to it. You have so many people who love you and believe on you" (1982).

mulheres escreveram, orientaram, viajaram, criaram redes internacionais de afeto e cooperação. Assim, escrito do ponto de vista situado de uma historiadora (HARAWAY 1995; LÖWY, 2000), este artigo gostaria de ser interpretado como um ato político.

O perfil de Adeline no Fonds Daumard é também um perfil da história disciplinar com suas marcas sensíveis de amizade e solidariedade e suas arbitrariedades sexistas.

## REFERÊNCIAS

AGULHON, Maurice. **Carta a Adeline Daumard**. Fonds Daumard, 648 AP (Archives Nationales, Paris). 1 nov. 1983.

ANHEIM, Étienne. Genre, publication scientifique et travail éditorial. L'exemple de la revue *Annales. Histoire, Sciences sociales*. **Tracés**, Lyon, n. 32, p. 193-212, 2017.

ANHEIM, Étienne. **Le travail de l'histoire**. Paris: Sorbonne, 2018.

ARTIÈRES, Philippe. Arquivar a própria vida. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, n. 21, p. 9-34, 1998.

ARTIÈRES, Philippe; LAÉ, Jean-François. **Archives personnelles**. Histoire, anthropologie et sociologie. Paris: Armand Colin, 2011.

BACKOUCHE, Isabelle; GODECHOT, Olivier; NAUDIER, Delphine. Un plafond à caissons: les femmes à l'EHESS. **Sociologie du travail**, Paris, n. 51, p. 253-274, 2009.

BATISTA, Marta R; GRAF, Márcia (orgs.). **Cidades Brasileiras**: políticas urbanas e dimensão cultural. São Paulo: IEB, 1998.

BATISTA, Marta R; GRAF, Márcia (org.). **Cidades Brasileiras II**: políticas urbanas e dimensão cultural. São Paulo: IEB, 1999.

BÉDARIDA, François. Chronique: Adeline DAUMARD, La bourgeoisie parisienne de 1815 à 1848. **Revue historique**, Vendôme, n. 1, p. 279-282, 1964.

BENTHIEN, Rafael. O que há de impessoal em arquivos pessoais: considerações a partir de uma experiência de pesquisa na França. **Vozes, pretérito & devir**, Piauí, v. 3, n. 1, p. 42-57, 2014.

BORGHETTI, Maria-Novella. Histoire quantitative, histoire sérielle. *In*: DELACROIX, Christian; DOSSE, François; GARCIA, Patrick; OFFENSTADT, Nicolas (org.). **Historiographies: concepts et débats I**. Paris: Gallimard, 2010. p. 412-419.

BOUCHERON, Patrick; DALARUN, Jacques (org.). **Georges Duby**. Portrait de l'historien en ses archives. Paris: Gallimard, 2015.

BOURDIEU, Pierre. **Homo academicus**. Florianópolis: Ed. UFSC, 2011.

BRANDI, Felipe. Arquivos privados e história dos historiadores: sobrevoo no acervo pessoal de Georges Duby. *In*: HEYMANN, Luciana; TRAVANCAS, Isabel; ROUCHOU, Joëlle (org.). **Arquivos pessoais: reflexões multidisciplinares e experiências de pesquisa**. Rio de Janeiro: FGV, 2013. p. 101-130.

CANABRAVA, Alice. Tema III. *In*: SIMPÓSIO DE PROFESSÔRES DE HISTÓRIA DO ENSINO SUPERIOR, I, 1961, Marília. **Anais [...]**. Marília: Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Marília, 1962, p. 121-127.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense 2002.

CHARLE, Christophe. **La republique des universitaires, 1870-1940**. Paris: Seuil, 1994.

CHARLE, Christophe. Les femmes dans l'enseignement supérieur. Dynamiques et freins d'une présence 1946-1992. *In*: DUCLERT, Vicent; FRIDENSON, Patrick (org.). **Avenirs et avant-gardes en France XIXe-XXe. siècles**. Hommage à Madeleine Rebérioux. Paris: La Découverte, 1999. p. 84-105.

CHARLE, Christophe; LALOUETTE, Jacqueline (org.). **Maurice Agulhon, aux carrefours de l'histoire vagabonde**. Paris: Sorbonne, 2017.

CHARRON, Hélène. **Les formes de l'illégitimité intellectuelle**. Les femmes dans les sciences sociales françaises, 1890-1940. Paris: CNRS, 2013.

CLARK, Terry N; CLARK, Priscilla. Le patron et son cercle: clef de l'Université française. **Revue française de sociologie**, Paris, n. 12, p. 19-39, 1971.



CROUZET, François. **Carta a Adeline Daumard**. Fonds Daumard, 648 AP (Archives Nationales, Paris). 28 nov. 1976.

CRUZ, Maria A. de C. **Os burgueses do Porto na 2ª metade do século XIX**. 1994. Tese (Doutorado em História). 3º Ciclo em História, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto, 1994.

DAUMARD, Adeline. **Carta a Fernand Braudel**.. Fonds Fernand Braudel (Institut de France, Paris). 14 juin 1984.

DAUMARD, Adeline. **Carta a Fernand Braudel**. Fonds Fernand Braudel (Institut de France, Paris). 9 juil. 1964.

DAUMARD, Adeline. **Carta a François Furet**. Fonds Daumard, 648 AP (Archives Nationales, Paris). 2 juin 1980.

DAUMARD, Adeline. **Carta a Pierre Chaunu**. Fonds Daumard, 648 AP (Archives Nationales, Paris). 29 sept. 1976a.

DAUMARD, Adeline. **Carta a Yedda Linhares**. Fonds Daumard, 648 AP (Archives Nationales, Paris). 6 déc.1976c.

DAUMARD, Adeline. **Cinco Aulas de História Social**. Salvador: Universidade Federal da Bahia, Centro de Estudos Baianos, 1978.

DAUMARD, Adeline. De l'Histoire social comparative et quantitative à l'Histoire Comparée. In: SOCIEDADE BRASILEIRA DE PESQUISA HISTÓRIA (SBPH), VI, 1986, Recife. **Anais** [...]. São Paulo: SBPH, 1987, p. 201-208.

DAUMARD, Adeline. Entrevista conduzida por Maria Beatriz Nizza da Silva. **Ler História**, Lisboa, n. 18, p. 140-152, 1990.

DAUMARD, Adeline. **Rascunho de carta a Pierre Chaunu**. Fonds Daumard, 648 AP (Archives Nationales, Paris). 5 nov. 1976b.

DAUMARD, Adeline; BALHANA, Altiva P.; WESTPHALEN, Cecília M.; GRAF, Márcia E. de C. **História social do Brasil: teoria e metodologia**. Curitiba: Ed. UFPR, 1984.

DAVIS, Natalie Z. Les femmes et le monde des *Annales*. **Tracés**, Lyon, n. 32, p. 173-192, 2017.

DELACROIX, Christian; DOSSE François; GARCIA, Patrick (org.). **As correntes históricas na França**: séculos XIX e XX. Rio de Janeiro: FGV, 2012.

DERRIDA, Jacques. **Mal de arquivo**: uma impressão freudiana. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

DIAZ, Brigitte. **O gênero epistolar ou o pensamento nômade**: formas e funções da correspondência em alguns percursos de escritores do século XIX. São Paulo: Edusp, 2016.

DRCPN. Guide du parcours de l'agent blessé en service. **Police Nationale**, 2008. Disponível em: <https://bit.ly/2EA37wM>. Acesso em: 17 jun. 2020.

DUMOULIN, Oliver. Archives au féminin, histoire au masculin. Les historiennes professionnelles en France, 1920-1965. In: SOHN, Anne-Marie; THELAMON, Françoise (org.). **L'Histoire sans les femmes est-elle possible?** Paris: Perrin, 1998. p. 343-356.

ECK, Hélène. Les françaises sous Vichy: femmes du désastre – citoyennes par le désastre? In: THÉBAUD, Françoise (org.). **Histoire des femmes en Occident**: le XX<sup>e</sup> siècle. Paris: Perrin, 2002, p. 287-323.

ERBERELI Jr., Otávio. **A trajetória intelectual de Alice Piffer Canabrava**: um ofício como sacerdócio (1935-1997). 2019. Tese (Doutorado em História). Programa de Pós-Graduação em História Econômica, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

ERNOT, Isabelle. L'histoire des femmes et ses premières historiennes (XIX<sup>e</sup>-début XX<sup>e</sup> siècle). **Revue d'Histoire des Sciences Humaines**, Paris, n. 16, p. 165-194, 2007.

FONDATION JEAN MOULIN. Dons et legs. 2020. Disponível em: <https://bit.ly/3leZm0t>. Acesso em: 17 jun. 2020.

FURET, François. Histoire quantitative et construction du fait historique. **Annales**, Paris, ano 26, n. 1, p. 63-75, 1971.

GARDEY, Delphine; LÖWY, Ilana (orgs.). **L'invention du naturel**. Les sciences et la fabrication du féminin et du masculin. Paris: Editions des archives contemporaines, 2000.

GODECHOT, Jacques. **Carta a Adeline Daumard**. Fonds Daumard, 648 AP (Archives Nationales, Paris). 3 juin 1977.

GOMES, Angela de C. Escrita de si, escrita da História: a título de prólogo. *In*: GOMES, Angela de C. (org.). **Escrita de si, escrita da História**. Rio de Janeiro: FGV, 2004. p. 7-24.

HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 5, p. 07-41, 1995.

HEYMANN, Luciana. Arquivos pessoais em perspectiva etnográfica. *In*: HEYMANN, Luciana; TRAVANCAS, Isabel; ROUCHOU, Joëlle (org.). **Arquivos pessoais: reflexões multidisciplinares e experiências de pesquisa**. Rio de Janeiro: FGV, 2013. p. 67-76.

HEYMANN, Luciana. Indivíduo, memória e resíduo histórico: uma reflexão sobre arquivos pessoais e o caso Filinto Müller. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, n. 19, p. 41-66, 1997.

HOBBS, Catherine. O caráter dos arquivos pessoais: reflexões sobre o valor dos documentos de indivíduos. *In*: HEYMANN, Luciana; NEDEL, Letícia (org.). **Pensar os arquivos: uma antologia**. Rio de Janeiro: FGV, 2018. p. 261-274.

LABROUSSE, Ernest. Voies nouvelles vers une histoire de la bourgeoisie occidentale aux XVIIIe et XIXe siècles (1700-1850). *In*: CONGRESSO INTERNAZIONALE DI SCIENZE STORICHE, X, 1955, Roma. **Anais** [...]. Firenze: G.C. Sansoni - Editore, v. IV, 1955, p. 367-396.

LAMBERT, Emmanuelle. Alain Robbe-Grillet e seu arquivo. *In*: HEYMANN, Luciana; NEDEL, Letícia (org.). **Pensar os arquivos: uma antologia**. Rio de Janeiro: FGV, 2018, p. 287-304.

LIBLIK, Carmem S. da F. K. **Uma história toda sua: trajetórias de historiadoras brasileiras (1934-1990)**. Curitiba: Ed. UFPR, 2019.

LINHARES, Yedda. **Carta a Adeline Daumard**. Fonds Daumard, 648 AP (Archives Nationales, Paris). 27 nov. 1976.

LÖWY, Illana. Universalidade da ciência e conhecimentos "situados". **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 15, p. 15-38, 2000.

LUZ, Rogério. O corpo desfeito por Francis Bacon. **Natureza Humana**, São Paulo, v. 2, n. 2, p. 301-328, 2000.

MARCHI, Euclides. Relendo nossos mestres. **Ciências Humanas**, Curitiba, n. 4, p. 37-53, 1995.

MCKEMMISH, Sue. Provas de mim.... In: HEYMANN, Luciana; NEDEL, Letícia (org.). **Pensar os arquivos**: uma antologia. Rio de Janeiro: FGV, 2018. p. 239-259.

MENESES, Ulpiano B. de. Memória e Cultura Material: Documentos Pessoais no Espaço Público. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, n. 21, p. 89-103, 1998.

NIZZA DA SILVA, Maria B. Programa de Teoria da História I. 1º semestre vespertino 1987. **Departamento de História FFLCH**. Disponível em: <https://bit.ly/31mSHtd>. Acesso em: 5 ago. 2020.

NOVINSKY, Anita. **Carta a Adeline Daumard**. Fonds Daumard, 648 AP (Archives Nationales, Paris). 18 jul. 1982.

OLIVEIRA, Maria da G. Os sons do silêncio: interpelações feministas decoloniais à história da historiografia. **História da Historiografia**: International Journal of Theory and History of Historiography, Ouro Preto, v. 11, n. 28, p. 104-140, set./dez. 2018. Disponível em: <https://www.historiadahistoriografia.com.br/revista/article/view/1414>. Acesso em: 27 ago. 2021.

PALMEIRA, Miguel S. Arquivos pessoais e a história da história: a propósito dos Finley Papers. In: HEYMANN, Luciana; TRAVANCAS, Isabel; ROUCHOU, Joëlle (org.). **Arquivos pessoais**: reflexões multidisciplinares e experiências de pesquisa. Rio de Janeiro: FGV, 2013. p. 79-99.

PONTES, Heloisa. A paixão pelas formas. Gilda de Mello e Souza. **Novos Estudos**, São Paulo, n. 74, p. 87-105, 2006.

ROGERS, Rebecca; MOLINIER Pascale (orgs.). **Les femmes dans le monde académique**. Perspectives comparatives. Rennes: Presses universitaires de Rennes, 2016.

SCHAPOCHNIK, Nelson. Cartões-postais, álbuns de família e ícones da intimidade. In: SEVCENKO, Nicolau (org.). **História da Vida Privada no Brasil**. São Paulo: Cia. das Letras, 1998. v. 3. p. 423-512.

SCHÖTTLER, Peter. **Lucie Varga**: les autorités invisibles. Une historienne autrichienne aux *Annales* dans les années trente. Paris: Le Cerf, 1991.

SCHWEITZER, Sylvie. Du vent dans le ciel de plomb? L'accès des femmes aux professions supérieures, XIXe-XXe siècles. **Sociologie du travail**, Paris, n. 51, p. 183-198, 2009.

SCOTT, Joan. História das mulheres. *In*: BURKE, Peter (org.). **A escrita da História: novas perspectivas**. São Paulo: Editora UNESP, 1992. p. 63-95.

SCOTT, Joan. **De l'utilité du genre**. Paris: Fayard, 2012.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul.-dez. 1995.

SMITH, Bonnie. **Gênero e História: homens, mulheres e prática histórica**. Bauru, SP: EDUSC, 2003.

SOHN, Anne-Marie. Entre deux-guerres: les rôles féminins en France et en Angleterre. *In*: THÉBAUD, Françoise (org.). **Histoire des femmes en Occident: le XXè siècle**. Paris: Perrin, 2002. p. 165-195.

TRIGO, Maria H. B. A mulher universitária: códigos de sociabilidade e relações de gênero. *In*: BRUSCHINI, Cristina; SORJ, Bila (orgs.). **Novos olhares: mulheres e relações de gênero no Brasil**. São Paulo: Marco Zero; Fundação Carlos Chagas, 1994. p. 89-110.

WISCART, Jean-Marrie. **Carta a Adeline Daumard**. Fonds Daumard, 648 AP (Archives Nationales, Paris). [199-?].

## INFORMAÇÕES ADICIONAIS

### BIOGRAFIA PROFISSIONAL

Daiane Machado é doutora e pós-doutora em História pela Universidade Estadual Paulista (UNESP). Com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), 2017-2021, realizou estágio de pós-doutorado em História no Institut d'Histoire du Temps Présent (BEPE 2018-2019), Paris. Tem trabalhos nas áreas de história da historiografia, história intelectual e estudos de gênero.

### ENDEREÇO PARA CORRESPONDÊNCIA

Av. Eufrásia Monteiro Petrágliã, 900 - Prolongamento Jardim Dr. Antonio Petraglia, Franca, SP, CEP 14409-160, Brasil.

## FINANCIAMENTO

Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), processos n. 2016/22187-3 e 2018/06413-9.

## AGRADECIMENTO

Karina Anhezini, Rafael Benthien, Aline Menoncello, Thiago Rudi, Benedito Inácio, Marina Tonon e Gerson Coppes, agradeço pela leitura atenta e generosa que vocês fizeram deste artigo. Agradeço ainda aos pareceristas e aos editores responsáveis por este dossiê.

## CONFLITO DE INTERESSE

Nenhum conflito de interesse declarado.

## APROVAÇÃO EM COMITÊ DE ÉTICA

Não se aplica.

## MODALIDADE DE AVALIAÇÃO

Duplo-cega por pares.

## EDITORES RESPONSÁVEIS

Alexandre Avelar – Editor convidado  
Flávia Varella – Editora Chefe  
Lidiane Soares Rodrigues – Editora convidada  
María Inés Mudrovcic – Editora convidada

## DIREITOS AUTORAIS

Copyright (c) 2021 Daiane Machado.

## LICENÇA

Este é um artigo distribuído em Acesso Aberto sob os termos da [Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

## HISTÓRICO DE AVALIAÇÃO

Recebido em: 31 de agosto de 2020.  
Aprovado em: 6 de março de 2021.